

ESPAÇO, RELIGIÃO E GEOGRAFIA

SPACE, RELIGION AND GEOGRAPHY

José Arilson Xavier de SOUZA¹

Resumo: Geografia e religião é o tema de interesse deste artigo. No seu curso, direcionamentos teóricos sobre estudos geográficos a respeito da religião são valorizados; geógrafos, bem como autores de outras formações, e suas respectivas obras, surgem como fundamentação necessária à análise espacial. A religião é problematizada enquanto atividade humana que admite influências divinas, e é produtora de *geografias sagradas* e de outras dimensões espaço-culturais. O tempo é destacado como elemento fundamental para tais estudos.

Palavras-chave: Espaço; Religião; Geografia.

Abstract: Geography and religion is the topic of interest in this article. In its course, theoretical directions on geographical studies regarding religion are valued; geographers, as well as authors of other formations, and their respective works, appear as necessary grounds for spatial analysis. Religion is problematized as a human activity that admits divine influences, and is a producer of *sacred geographies* and other space-cultural dimensions. Time is highlighted as a fundamental element for such studies.

Keywords: Space; Religion; Geography.

Introdução

Espaço diz respeito a um termo de uso corrente no dia a dia e no âmbito da ciência. O termo tem vários sentidos e o seu entendimento é complexo. Mesmo no que concerne à Geografia como disciplina, a noção de espaço geográfico tem diversos usos, aparecendo, por exemplo, associada a uma porção da superfície terrestre identificada pela maior presença dos elementos naturais ou do trabalho humano; ou ainda em referência à localização. Sendo este caso, o espaço é estudado pelos geógrafos por meio de variadas escalas e múltiplos temas (CÔRREA, 2012).

A religião, por seu turno, ao acumular expressividade humana na (re)ordenação da vida, transmitindo significados e valores culturais, é um dos imperativos sociais presentes no espaço. As pessoas pensam e falam sobre religião porque a praticam, a vivem, a significam e por meio do espaço geográfico, envolvidas ou com crenças institucionalizadas.

No tocante à Geografia, os estudos denominados de *geografia da religião* têm contribuído expressivamente para a problematização e inteligibilidade da religião como atividade humana de forte conotação espacial. Baseado em reflexões alcançadas por intermédio dos estudos supracitados valorizando, sobretudo, a contribuição teórica deixada pela geógrafa Zeny Rosendahl, o presente texto apresenta e aborda o tema explicitado através de três blocos precípuos os quais dialogam de modo intercomplementar, a saber: i) espaço,

¹ Professor Adjunto I do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/São Luís-MA). Membro do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEMA. Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA/Sobral-CE). E-mail: arilsonxavier@yahoo.com.br

religião e questões geográficas;ii) estudos geográficos sobre a religião; iii) geografia e geógrafos da religião.

Espaço, religião e questões geográficas

Santos (1996), ao propor uma *ontologia do espaço*, compreende o espaço como um campo híbrido, resultado da inseparabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Para o autor, o estudo do objeto geográfico, móvel ou fixo, deve necessariamente compreender ou passar pelo inventário da intencionalidade das ações humanas e o papel desempenhado socialmente. Sendo este o caso, no seu entendimento, as próprias formas sociais consideradas não geográficas, um dia ou outro, tornam-se geográficas. As formas geográficas são apontadas como condição das ações e meios de existência.

Relembremos, a noção de espaço não é consensual na geografia. Corrêa (2012), em *Espaço, um conceito-chave da geografia*, demonstra as diferentes concepções de espaço adotadas pelas principais correntes do pensamento geográfico. Reconhece que o debate acerca da noção de espaço em geografia traduz um rico acervo no que toca à epistemologia desta ciência, qual seja: palco da ação humana, expressão topológica passível de *grafia*, absoluto e quantificável, forma concebida pela razão, instrumento político, resultado da produção capitalista, relativo e fruto da capacidade da imaginação, lugar de vivência e significado, são algumas das qualificações direcionadas ao espaço segundo o exame do autor.

De fato, as análises revelam noções acerca do espaço enquanto somatório de significações por meio das quais uma série de camadas discursivas estão a ele agregadas. Produto de inter-relações, sempre em construção, portanto, aberto e inacabado, fala-se em “espaço da multiplicidade”. Mediante as transformações exercidas pelo homem, seja pela inserção crescente da técnica ou pelo aumento de criações simbólicas, o espaço parece requerer do geógrafo uma reformulação contínua de suas teorias e metodologias (MASSEY, 2008).

Região, território, lugar e paisagem são elementos compreendidos como modos particulares para atribuição de significados singulares à natureza do espaço. Além do mais, quando se trata de inquirir sobre o papel do geógrafo quando se depara com *uma analítica do espaço*, é importante reforçar que este cientista tem como função tornar o espaço inteligível à sociedade. E uma das maneiras de fazê-lo é analisando as práticas espaciais dos grupos que nele produzem, consomem, se movimentam, lutam, sonham, rezam e, enfim, vivem (CLAVAL, 2011).

Em *Terra dos Homens*, Claval (2010) chama atenção para o fato de que *a geografia* está presente nas práticas, nas habilidades e nos conhecimentos que mobilizamos diariamente no curso da vida. Ele a reconhece para além de suas instâncias científicas. Em sua essência, a geografia aparece relacionada com os *modos espaciais da existência humana*. Supõe, portanto, elementos importantes para demarcar a natureza da geografia como disciplina. Toma como ponto de partida o fato de que o homem, antes de ser predeterminado em seu sentido genérico por estruturas de pensamento científico, imagina, produz, organiza seus espaços na tentativa de dotar a vida de sentido e responder as suas inquietações. Assim, mais do que conformações físicas, a investigação geográfica em torno da natureza do espaço envolve criações de caráter simbólico.

Tema de discussão cotidiana, a religião, cada vez mais, interessa à ciência. As observações e as leituras denotam o seu caráter complexo e plural. Expressão da cultura humana que carrega ideias de futuro e de composições mitológicas, a religião é um daqueles temas refratários a uma análise meramente lógica. “Com base apenas na razão, não podemos penetrar os mistérios da fé”, afirma Cassirer (2012, p. 121).

Geertz (1978)², em *A interpretação das culturas*, propõe que a religião seja interpretada como tema o qual faz parte de um conjunto complexo no bojo de diferentes sistemas culturais de pensamento imaginário e simbólico. Nesta perspectiva, o homem religioso estaria ligado a uma teia de significados que representa a própria cultura enquanto espessura simbólica de enunciações pelas quais contempla a si mesmo em movimento de contemplação e ação existencial.

Já na obra *Nova luz sobre a Antropologia*, Geertz (2001)³ situa a religião como experiência, sentido, identidade e poder. Ao analisar a religião como “beliscão do destino”, o autor minimiza a ideia das práticas religiosas como experiências individuais, contextualizando-as sob a injunção das conjunturas das forças sociais passíveis de relacionar preocupações entre o eterno e o sagrado. Consequentemente, uma antologia das devoções deve considerar quais os sentidos que os homens e as instituições dão à religião, como buscam identidade e desenvolvem estratégias de poder para experienciarem o mundo.

Durkheim (2003), por seu lado, compreende a religião como um fenômeno social de caráter sobrenatural, fundado sobre o juízo de um ser superior. Para ele, a religião desempenha uma expressiva função moral entre os homens, tornando-se observável a partir de fatos coletivos. Já Weber (2004)⁴, entende a religião como uma ação social de cunho racional determinada para o alcance de fins práticos do dia a dia. Deste modo, o estudo da religião, mais do que refletir sobre a oposição entre deuses e as forças do mal, deve estar focado pragmaticamente nas necessidades e vontades do indivíduo, o que auxiliaria na explicação mais concreta acerca de o porquê algumas religiões se colocarem sob a tarefa de induzir os indivíduos à adaptação de suas crenças aos modos diversos de conduta social, em correspondência com uma determinada situação histórica.

Em outro entendimento, Eliade (2008)⁵ trata da experiência religiosa da vida mitológica do homem pré-moderno, interessando-se pelas *hierofanias* dispersas pela superfície terrestre, como algo que romperia com uma realidade profana. Sagrado e profano aparecem, portanto, como os dois modos de ser no mundo. Para Eliade, o sagrado é compreendido em vinculação à essência das religiões e das práticas religiosas, inclusive no tocante ao aspecto espacial, compreendido no sentido complexo que acima problematizamos. Influenciadas pelas ideologias de Eliade, as investigações geográficas sobre a religião, em muito, se pautaram pela dualidade conceitual entre sagrado e profano, com ênfase na sacralidade direcionada a determinados espaços.

Mas, afinal de contas, qual *espaço* deverá ser aqui considerado como foco para estreitamento da relação interativa dada entre religião e geografia? Esta parece ser uma indagação sempre atual. De acordo com Park (2004), à primeira vista, pode parecer que religião e geografia tenham pouco em comum, contudo, destaca que muito do desenvolvimento e difusão das questões religiosas estão enraizadas em fatores espaciais, e devem, assim, ser estudadas a partir de uma perspectiva geográfica. Para o autor, geografia e religião são duas dimensões que compõem a mesma realidade.

As atividades e as práticas religiosas são conduzidas, ou mesmo estão inseridas, em distintos pontos do espaço geográfico. No espaço se seguem as formas que facilitam o modo de existir religioso. São localizáveis, enfatizemos, os fatos e ações religiosas, estes condensando tanto práticas individuais quanto práticas coletivas. Dito de outra maneira: o homem religioso tem a sua expressão de vida manifestada por meio de práticas espaciais

²Publicado originalmente como *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic, 1973.

³Publicado originalmente como *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*. New York: Basic Books, 1983.

⁴ A obra citada é *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*, publicada postumamente em 1922.

⁵ A obra citada é *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*, publicada originalmente em 1959.

diversas, seguindo direcionamentos que sugerem a presença divina no mundo. Para Rosendahl (2006), a experiência religiosa denota uma nítida dimensão espacial, relacionando homem, divindade e meio.

A partir das implicações existentes nas análises inventariadas a respeito das relações possíveis entre espaço e religião, entende-se que os apontamentos realizados acima sobre o conceito de espaço geográfico podem se sujeitar a uma espécie de reelaboração temática. De tal modo, é possível pensar que: o *espaço religioso* é constituído de elementos naturais e elementos culturais, com localização fixa ou móvel. É composto de objetos e ações. É um meio de existência o qual desempenha determinados papéis sociais. É político e pode envolver relações econômicas. Passível de ser experienciado como um lugar de vivência, comporta a criatividade e o poder da imaginação do homem. Pode ser representado por grafias e topografia, recebe metáforas e um leque variado de interpretações.

Na sequência, segue uma discussão a respeito dos estudos geográficos sobre a religião. Nela, a realidade brasileira é realçada.

Estudos geográficos sobre a religião

Mesmo que a comunidade acadêmica intua que existe uma patente evolução do pensamento geográfico, é possível a identificação de um amplo período ou mesmo derelativa negligência quanto ao tema religião. A desatenção da Geografia para com as investigações sobre a religião, algo que não foi tão forte em outras ciências sociais, que bem contribuíram para o estudo deste fenômeno, é ressaltada por Rosendahl (1996) por meio de dois aspectos principais: 1º) a influência positivista na geografia; 2º) a irrelevância da temática para a geografia crítica. Trataremos mais adiante destes dois pontos explicitados.

No tocante à educação positivista no contexto da Geografia, sabe-se que o modo como foi concebida deixou como legado científico o consenso de que cabe à geografia apenas o estudo acerca dos fenômenos compreendidos como sendo de sua competência a partir de uma base prioritariamente física, dificultando análises que partissem de concepções simbólicas da realidade. Apresentara como eixo indispensável de investigação a espacialidade material econômica-populacional. Em realidade, “o partido positivista adotado dissuadia os geógrafos das representações” (CLAVAL, 1999, p. 45), recusando apreciar o poder criativo da imaginação dos homens. Pode-se dizer que o positivismo suscita uma espécie de afastamento entre o tema *religião*, vista como questão puramente metafísica, e a *ciência*.

Já a *geografia crítica*, embora fundamentada sob uma proposta de questionamentos e interpelações críticas às bases da geografia tradicional, não conseguiu ensejar grande interesse nos geógrafos no tocante ao estudadas dimensões espaciais da religião.

“O procedimento rigorosamente materialista de análise em busca das forças que realmente moviam a sociedade levou os geógrafos a marginalizar as questões religiosas de seus estudos” (ROSENDAHL, 1996, p. 22). Influenciados por concepções marxistas, os geógrafos críticos se pautaram, sobretudo, em questões que denotavam as contradições do modelo de produção capitalista, negligenciando certos comportamentos culturais, como as práticas religiosas.

Em todo caso, os estudos geográficos sobre a religião, numa demonstração de resistência, marcaram presença expressiva no *corpus* epistemológico da geografia. Levando em conta os seus contextos históricos e de pensamento, tais estudos enfrentaram críticas oriundas, principalmente, de dentro da própria ciência geográfica. Embora essa ainda seja uma situação real, as opiniões desfavoráveis parecem não mais preocupar, uma vez que a *geografia da religião* mostra consistência tanto do ponto de vista teórico quanto

metodológico. Tais críticas, ao que parece, surgem daqueles que desconhecem a teoria, a história dos estudos e a evolução apresentada.

As obras de quatro autores são apontadas por Rosendahl (2013) como responsáveis por fornecer o caminho inicial da pesquisa em geografia da religião, compondo a tradição desses estudos. A saber: Fickeler (1947), Deffontaines (1948), Sorre (1954; 1957) e Sopher (1967)⁶. Façamos adiante uma breve recapitulação acerca de como essas obras protagonizaram, cada uma delas a sua maneira, a iniciação nos estudos analíticos em torno da *geografia da religião*.

Fickeler publica em 1947 a obra *Questões fundamentais em geografia da religião*⁷. Para este autor, a investigação da religião no campo epistemológico da ciência geográfica poderia ser orientada por dois enunciados principais: *a)* como o ambiente, incluindo o povo, a paisagem e o país, afetam uma forma religiosa; *b)* como uma forma religiosa afeta o povo, a paisagem e um país. Neste patamar reflexivo, os estudos de geografia da religião têm como tarefa precípua abordar, antes de tudo, as relações desenroladas entre religião e ambiente. Ao adotar conceitos provenientes das ciências da religião, Fickeler defende que as noções de consagração, cerimonialismo e tolerância religiosa devem-se tornar conceitos de acuidade do geógrafo interessado pelos fenômenos religiosos.

A obra de Deffontaines, *Géographie et religions*, publicada em 1948, dedica-se ao entendimento da influência da religião sobre os locais e a história dos povoamentos. Nesta toada, seu estudo compreende que os conhecimentos religiosos, antes mesmo dos conhecimentos geográficos, definem os arranjos das habitações e os modos de ocupação dos terrenos. A casa da divindade, o templo, serveu é tomado como referência para a distribuição espacial das habitações dos homens, seja no tocante a uma pequena aglomeração, seja em remissão a uma cidade. É por esta perspectiva que a religião se põe como tema de justa importância para o geógrafo da religião.

Da obra de Sorre, são mencionadas, em referência à primeira metade do século XX, duas publicações: *Les fondements de La géographie humaine* (1954) e *Rencontres de la géographie et de La sociologie* (1957). Na primeira delas, voltando-se com máxima atenção para uma geografia religiosa, o autor assinala a religião como fator de união e de posição na sociedade, indicando-a como elemento criativo pelo qual se plasma a diversidade dos gêneros humanos. Desconsiderando a consciência individual, Sorre argumenta que a atitude religiosa de um grupo social traduz as suas crenças e a motivação de suas devoções. Já na segunda de suas publicações, duas ideias são introduzidas ao tema supramencionado *a)* espaço religioso e *b)* campo das atividades religiosas. O *espaço religioso* é entendido como área e extensão dos grupos religiosos na superfície terrestre. Nesse sentido, cabe também enfatizar que o autor desconsidera a dimensão simbólica da comunicação do devoto com o seu Deus. Quanto ao campo das atividades religiosas, o autor interpreta-o como atividade de antecedência e atividade de consequência: a primeira das atividades relacionada à ocorrência de fatos religiosos desde os primórdios da humanidade (modo de compreensão correlacionado a uma perspectiva histórica); já segunda das atividades, compreende que as atividades religiosas podem ser explicadas como produto da ocorrência do fato religioso no espaço (modo de compreensão correlacionado a uma perspectiva *mais* geográfica).

⁶ Para maior aprofundamento, ver: DEFFONTAINES, Pierre. *Géographie et Religions*. Paris: Gallimard, 4.^a ed, 1948. SORRE, Max. *Les Fondements de la Géographie Humaine*. Tome II. Lês Fondementes Techniques. I. Paris: Librairie Armand Colin, 1954. SORRE, Max. *Reencontres de la Géographie et de la Sociologie*. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cia, 1957 ; SOPHER, David E. *Geography of Religions*. EnglewoodCliffs: Prentice Hall, 1967.

⁷Publicado originalmente como *Grundfragen der Religionsgeographie, Erdkunde: ArchivfürwissenschaftlicheGeographie*, I (1947).

Já em relação à obra de Sopher, *Geography of religions* (publicada em 1967), indica como objeto de estudo geográficos sistemas religiosos organizados e o comportamento religioso moldado pelas instituições. Quatro grandes temas são abordados como eixos estruturantes de argumentação analítica: a) o significado do cenário ambiental na evolução do sistema religioso; b) as maneiras de condicionamento e modificação dos comportamentos religiosos; c) os diferentes modos de ocupação e organização do espaço pelo sistema religioso; d) a distribuição geográfica das religiões. Ao tratar a religião como um componente cultural, um sistema de fé e de culto de determinados grupos, Sopher compreende que a experiência religiosa pessoal não deve ser de interesse do geógrafo. Cabe enfatizar que a transformação da paisagem exercida pelos sistemas religiosos merece destaque nos seus estudos.

Pois bem, mesmo na Geografia Humana os estudos demoram no tocante à consideração mais atenta às expressões da religiosidade do ser humano. A década de 1970 acende um período hoje considerado contemporâneo aos estudos de *geografia da religião*. Autores como Büttner (1985), Rinschede (1985), Rosendahl (1996), Claval (1999) e Santos (2006) registram, neste sentido, a importância da geografia humanista e da geografia cultural, após o processo de renovação do campo de estudo e disciplina inerente.

A partir de tal renovação, ganha expressividade um cenário metodológico onde o homem e a trama de significados com a qual desenrola a sua vida passam a ser valorizados. Visando melhorar a interpretação sobre as dimensões subjetivas e experiências vividas, imaginação, simbolismo e identidade se tornam noções incorporadas à pesquisa em geografia da religião. A fé, princípio espiritual e religioso antes marginalizado, passa a ser tema de grande relevância para estudos na área. As investigações passam a considerar então as motivações do homem religioso na busca pelos espaços sagrados. A mudança nas escalas de análise também traduz outro avanço. Se em tempos anteriores as escalas privilegiavam as grandes paisagens e regiões, os novos estudos permitem a análise de espaços reduzidos, como um bairro, uma rua, uma praça ou um santuário.

No que compete à *geografia cultural tradicional*, a religião era estudada pela descrição das formas espaciais dos lugares possuidores desse cariz. Mesmo com o preconceito científico proveniente dos ideários positivistas, torna-se quase que impossível desconsiderar a questão religiosa frente à realidade geográfica e atrativa dos lugares. No entanto, entendia-se a religião como uma atividade disseminadora de magníficas formas arquitetônicas. A análise geográfica, deste modo, seguia uma abordagem do exterior, ou seja, partindo dos signos que a religião imprimia sobre a paisagem. Não interessava o estudo sobre a influência que a religião exercia nos comportamentos humanos e os seus efeitos na organização do espaço (CLAVAL, 1999).

A obra de Eric Dardel, *L'Homme et la Terre*, escrita em 1952, é indicada por Claval (2007) como um importante contributo para os anseios da geografia da religião. Como uma obra que demorou a ser reconhecida entre os geógrafos, mesmo não revelando reflexões dedicadas diretamente à área de estudos da geografia da religião, se revela fundamental, dada à perspectiva fenomenológica imposta em suas reflexões sobre a dimensão espacial da existência humana. Para Dardel, traduzido pela noção de “geograficidade”, enquanto realidade geográfica, o *habitar a Terra* abrange aspectos míticos e interpretações proféticas, o que pode ser relacionado com a composição religiosa da humanidade ao longo dos tempos. A compreensão da formação do autor como um *homem de fé* e de uma cultura histórica e filosófica avantajada, talvez ajude no entendimento de suas proposições.

Nas décadas de 1980 e 1990, adotando uma perspectiva cultural, as pesquisas em *geografia da religião* valorizam a experiência geográfica da fé e as relações desenvolvidas entre sagrado e profano no espaço. Neste sentido, segundo Rosendahl (2013), os trabalhos de Tanaka (1981), Bonneimaison (1981), Sopher (1984) e Rinschede (1985) são

representativos⁸. A heterogeneidade cultural-religiosa dos lugares e das pessoas, tanto quanto as novas práticas religiosas, são apresentadas como desafios ao geógrafo da religião. A construção crescente e a diversidade das formas simbólicas espaciais religiosas, em correlação com outras esferas da vida social, também são provocativas às inquietações do geógrafo.

No Brasil, já é considerável o número de departamentos de geografia, núcleos de estudos e grupos de pesquisas, encontros e periódicos, os quais passaram a incorporar o tema *espaço e religião* em suas pesquisas. Ademais, entre tais ambientes de pesquisa, destaca-se o NEPEC-UERJ (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura). Produzidos pelo NEPEC, o periódico *Espaço & Cultura* e o *Simpósio sobre Espaço e Cultura* colaboram decisivamente para a difusão e consolidação dos estudos que privilegiam a cultura em sua dimensão espacial. E a religião é justamente um dos temas privilegiados.

A investigação geográfica nacional sobre a religião conhece, neste tratamento, os seguintes nomes destacáveis: o estudo *Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa* (1972), de Maria Cecília França, é considerado pioneiro. Pouco mais de vinte anos depois (1994), a tese de Zeny Rosendahl, *Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense*, inaugura um novo momento de estudos. Na sequência, destacam-se as obras de Christian Dennys Monteiro de Oliveira, *Basílica de Aparecida: Um Templo para a Cidade-mãe* (2001), e de Sylvio Fausto Gil Filho, *Igreja Católica Romana: Fronteiras do Discurso e Territorialidades do Sagrado* (2002). Entretanto, mesmo com todo o avanço expresso, as pesquisas sobre esta temática ainda são incipientes frente ao universo de fenômenos religiosos os quais merecem apreciação científica.

De toda a teoria produzida por Rosendahl, dois pontos foram marcantes no que concerne aos anseios dos estudos de geografia da religião: 1) *Proposições Temáticas* (1996; 2012); 2) *Dimensões de Análise: econômica, política e do lugar* (2007; 2013).

Quanto às *proposições temáticas*, seguem os temas constituidores: a) fé, espaço e tempo: difusão e área de abrangência; b) centros de convergência e irradiação; c) religião, território e territorialidade; d) espaço e lugar sagrado: vivência, percepção e simbolismo. Rosendahl esclarece que esses temas não são mutuamente excludentes, ao contrário, se interpenetram. Direcionamentos voltados à geografia humana, cabe dizer que os eixos temáticos mencionados foram estruturados metodologicamente com a finalidade de orientar a sistematização de estudos em *geografia da religião* por intermédio de diversas orientações, sendo atualizados ao longo dos anos a partir das pesquisas da proponente (FRANGELLI, 2012).

Destaque-se o cerne de cada um dos temas pouco citados: o conjunto temático *a*, com forte profundidade cultural, entende a fé como experiência e elemento transformador dos tempos e espaços, privilegiando o caráter de difusão e de abrangência das mensagens propagadas pelas religiões. O tema *b* valoriza o poder de atração e convergência dos centros religiosos, bem como a lógica de irradiação das suas formas e simbolismos. O tema *c* indica que a religião pode ser averiguada por meio das estratégias de poder desenvolvidas, visando à apropriação do espaço e o controle de pessoas e objetos, o que implica, inclusive, consideração de conflitos políticos. Por fim, o tema traz luz aos aspectos subjetivos do homem religioso, e tem como referência as vivências e as percepções desdobradas no espaço e no lugar sagrado.

⁸ Ver: TANAKA, H. The evolution of pilgrimage as a spatial-symbolic system. *The Canadian Geographer*, Toronto, 1981, n. 25 (3), pp. 240-51; BONNEMAISON, J. *Voyage autour du territoire*. *L'Espace Géographique*, 1981, t. 10 (4), pp. 249-62. SOPHER, David E. Geography and religions. *Progress in Human Geography*, Londres, 1984, n. 5 (5), pp. 511-24; RINSCHEDÉ, G. Das Pilgerzentrum Lourdes. *Geographia Religionum. Interdisziplinäre Schriftenreihe zur Religionsgeographie*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1985, v. 1, pp. 195-257.

Já as dimensões de análise dos eixos temáticos anunciados relacionam o sagrado e o profano à sociedade e ao espaço. Põe em discussão a capacidade de simbolização do homem e da religião. A dimensão econômica é remetida ao estudo dos bens simbólicos, mercados e redes. A dimensão política enfoca no poder estratégico e territorial das religiões em referência à identidade como fundamento de existência. E a dimensão do lugar diz respeito à análise da difusão das religiões, as hierópolis, as práticas religiosas e as marcas do sagrado no lugar e na paisagem.

A *dimensão econômica* preocupa-se com o valor dos bens simbólicos religiosos em termos espaciais e sobre os modos como revelam o sagrado. Neste ensejo, a análise da sua produção simbólica deve considerar que existe mais simbolismo nos objetos do que a aparência indica. Baseado em Weber, é dado destaque aos valores culturais e mercantis dos bens simbólicos religiosos conforme se reconhece a produção do sagrado por parte da instituição religiosa, sugerindo uma demanda relacionada com as necessidades dos fiéis e forte capacidade de funcionar em rede.

A *dimensão política* investiga as normas e os modos adotados pelas instituições religiosas para assegurar a vivência da fé e a vigilância dos fiéis, afirmando assim a sua identidade como religião. A partir de Bonnemaïson, entende-se que as normas e os valores são celebrados no espaço, e por meio do território. Os grupos detentores do sagrado merecem atenção por instigar novos significados aos imaginários religiosos. A religião civil e as *pseudoreligiões*, uma vez legitimadas pela sociedade, são compreendidas enquanto referências de identidade e existência como paradigmas de vida e conduta social.

A *dimensão do lugar* traduz uma análise que busca compreender a capacidade humana de simbolizar e produzir espaços simbólico-religiosos, interpretados e vivenciados como lugar ou lugares, lidos aqui por uma perspectiva humanístico-emocional. O lugar, assim, é entendido como “território definido” e reivindicado pela comunidade religiosa que busca difundir a sua especificação de fé. Por conseguinte, sagrado, profano e território contribuem para que os grupos religiosos reforcem o sentido de pertencimento dos fiéis às suas instituições.

Já Stump (2008), por sua vez, assume o posicionamento de que a religião continua sendo um fator-chave para o entendimento de uma grande variedade de fenômenos culturais e sociais. Em sua pesquisa, denota as relações da religião com três temas: a) articulação da identidade cultural; b) política de fundamentalismo social; c) impactos da globalização. A sua contribuição aponta para a relevância da religião em questões geográficas mais amplas do que o escopo das crenças e práticas dos fiéis. Compreende a religião como uma expressão cultural integrada às preocupações da vida e ligada aos lugares como identidade cultural, e a relaciona aos novos modos de vida globais e como resistência política. A partir dessa perspectiva, os sistemas religiosos são sugeridos como os fornecedores de um quadro de significados por meio dos quais os seus adeptos passam a compreender o seu lugar no cosmos e, assim, interagem com variados aspectos do mundo.

No estudo *Global shifts, theoretical shifts: changing geographies of religion*, Kong (2010) evidencia o aumento no número de pesquisas em geografia da religião nas últimas décadas, valorizando uma espécie de interesse renovado dado ao tema religião, haja vista as mudanças no quadro geopolítico mundial e sua relação com a religião e a sofisticação da atenção acadêmica, incluindo a geografia. Novas abordagens teórico-metodológicas vêm se estruturando. A religião não é mais compreendida em seu próprio universo. Toda a evolução registrada faz com que a autora, de modo que parece otimista, questionasse: “será que o estudo geográfico da religião finalmente chegou?” (KONG, 2010, p.756).

Se, tradicionalmente, os estudos geográficos sobre a religião partiam da atração de templos e/ou santuários, isto é, de espaços qualificadamente consagrados e dispostos em modo fixo na paisagem, atualmente, uma das áreas que tem garantido a imaginação dos

pesquisadores reside na necessidade de reconhecer a importância dos *locais não oficialmente sagrados*. Esta é uma orientação que reconhece que alguns espaços, como o lar, pontos específicos do espaço público e mesmo órgãos civis, são tomados por novas práticas religiosas, porquanto “há muitas maneiras em que espaços cotidianos podem ser implicados na tomada de significado religioso, legitimando, manutenção e reforço, mas também de desafio à vida religiosa” (KONG, 2010, p. 757).

Propondo um estudo de caráter geográfico-cultural baseado no poder de ressignificação que a religião exerce no espaço, Souza (2010) sugere três tendências de problematização interdisciplinar acerca da relação entre espaço e sagrado. A primeira tendência é reportada ao espaço sagrado fundado com a funcionalidade dos investimentos urbanos, fazendo expandir o setor imobiliário, comercial e de serviços – o espaço *com valor sagrado*. A segunda tendência atualiza os intercâmbios entre a crítica religiosa, o materialismo urbano e a aclamação à vida rural, comunitária e harmônica com a natureza – o espaço *com sustentabilidade sagrada*. Na última tendência, relembra que o sagrado católico cristão não perdeu de vista a motivação política universal. As escalas locais e regionais, na disposição política de expansão, forjam veículos de intercomunicação com outras realidades e procuram se firmar na constituição de um espaço fortemente enfatizado pelo acesso que diz possibilitar ao “Reino de Deus” – o espaço *como poder sagrado* –, o qual serve de baliza para realização de atos de fé como garantia de acesso ao campo do divino.

Efetivamente, a geografia crescerá nas reflexões em tela à medida que intensificar suas pesquisas empíricas, compreendendo os novos significados da religião e das práticas religiosas. Diante da complexidade dos fatos religiosos, as pesquisas devem produzir teorias e metodologias, e as abordagens devem considerar as manifestações materiais e imateriais do sagrado. Büttner (1985) e Claval (2008) apostam na ideia de que os geógrafos que estudam a religião devem penetrar na vida religiosa, estudá-la por dentro de seus modos de expressão imanentes. Eles devem perceber como o futuro e a ideia de “outros mundos” são vivenciados pelos fiéis e influenciam no desenrolar de suas vidas (CLAVAL, 2008).

É interessante destacar que há muito a se fazer pelos estudos de *geografia da religião*⁹, haja vista o mundo de significados religiosos e espaciais que constituem a vida dos homens em conjunturas culturais plurais. No Brasil, por exemplo, a agenda de investigação é extremamente ampla. Temas como diversidade religiosa, intolerância religiosa, religião e educação, novos modos de saber e fazer religião, religião e espaço público, religião e política, devem preocupar os geógrafos da religião.

Geografia e geógrafos da religião

A investigação da experiência religiosa por parte da geografia como ciência e forma de pesquisa acadêmica incide de modo mais acertado sobre os estudos de geografia da religião. Conquanto haja críticas a tal denominação, ensejando um extenso debate, que deve corresponder com a compreensão de vários contextos e paradigmas, externa e internamente à realidade brasileira, o que se quer reconhecer aqui é a consistência acadêmico-científica do referido campo de estudos. Em todo caso, cumpre salientar que as reflexões realizadas anteriormente objetivaram justamente o cumprimento deste papel.

⁹ A saber: a expressão “geografia da religião” foi usada pela primeira vez pelo teólogo alemão Gottlieb Kasche, em 1795. Bernard Varenius (1649), por sua vez, pode ser compreendido como o precursor deste campo de estudos. Kant (1724-1808) pode ser visto como o fundador de uma moderna geografia da religião. Mas é somente com os trabalhos de Fickeler (1947) e Deffontaines (1948) que surge a disciplina científica geografia da religião (SANTOS, 2006).

Para Santos (2006), a geografia da religião tem o caráter de uma *disciplina* geográfico-cultural da área de estudos de geografia humana. Embora seja possível reconhecer outras perspectivas de análise, como, por exemplo, a aproximação e as investidas da geografia social, a geógrafa portuguesa justifica sua preferência por tal posicionamento por entender que a religião é um fenômeno cultural de relevância para o desenvolvimento das percepções, das crenças e dos comportamentos dos homens, superando o estudo que se restringe às estruturas sociais e espaciais disseminadas sob a égide religiosa.

Stump (2008), por sua vez, também situa o estudo geográfico da religião como uma parte importante da geografia humana. Enquanto expressões culturais, as religiões são apontadas por ele como relevantes para o estudo geográfico de várias questões contemporâneas. Desconstruindo a tese de que o estudo em tela não passa de modismo, o geógrafo norte-americano entende que as perspectivas geográficas fornecem esclarecimentos significativos sobre as religiões, tornando mais inteligível a dinâmica das espacialidades humanas de um modo geral, sem desconsiderar a necessidade de pautar e abordar o assunto com a devida complexidade que por ele, sem dúvida, é solicitada.

Atualmente, existe certa convenção de que a geografia da religião investiga o fenômeno religioso nos contextos espaço-temporais. Com efeito, faz uso significativo de abordagens que privilegiam as percepções dos homens no tocante às formas simbólico-espaciais religiosas. A teoria, as metodologias e os temas de estudo são variados. Torna-se interessante, pois, conhecer a sua história e suas etapas de evolução.

Remontando ao período da Antiguidade grega, a partir dos séculos XVI e XVII denotam-se os primeiros indícios de conhecimentos referidos à classificação geográfica sobre a religião. Utilizando-se de informações teológicas, sobretudo para cartografar os lugares religiosos, os geógrafos contribuíram nessa mesma época para a sistematização do que se chamara *geografia eclesiástica*. Concomitantemente a este desenvolvimento, ainda no decurso do século XVII, adotando uma dinâmica arqueológica, surge a necessidade dos “teólogos-geógrafos” de identificar, localizar e representar os lugares descritos na Bíblia – *geografia bíblica* –, conhecimento que se estende até o início do século XX. Este é um período que se caracteriza incisivamente por estudos descritivos, geralmente analisando o Cristianismo em seu nível de abrangência e crescimento, inclusive usando como suporte as suas ações missionárias. Naquele contexto, fazia-se uma geografia que acabava por legitimar a religião cristã. Refere-se, portanto, a uma geografia religiosa, ou seja, uma geografia que assimilou as aspirações religiosas com forte consistência (KONG, 1990; PARK, 2004; SANTOS, 2006).

De acordo com Santos (2006), é a partir do Pós Segunda Guerra Mundial que acontece o movimento de *despertar da geografia da religião*, agora baseada essencialmente em conhecimentos geográficos formais, cujas informações religiosas serviam apenas de base ao entendimento das realidades espaciais. No transcorrer do processo de evolução¹⁰, é entre os anos 1960 e 1970 que ocorre o período da *construção* disciplinar, redirecionamento da disciplina e novos métodos de abordagem. A partir de então as premissas humanístico-culturais e fenomenológicas passam a influenciar os estudos. Os espaços que se configuravam por meio de aspectos religiosos são analisados de modo mais contundente no que toca às suas vivências e significados, representando avanços. As práticas religiosas são compreendidas como dinamizadoras das realidades espaciais das pessoas e dos lugares. Somente no início

¹⁰Santos (2006, p. 174) apresenta um quadro-síntese com os nomes de autores que concorreram nas fases históricas da geografia da religião. Entre esses, os brasileiros: Maria Cecília França, citada na fase de construção disciplinar, Zeny Rosendahl, mencionada na fase de consolidação, e, Christian Dennys Monteiro de Oliveira e Alberto Pereira dos Santos foram lembrados na fase que se refere a novos caminhos de estudos a partir do século XXI.

dos anos 1980 é que a geografia da religião conhece seu processo de *consolidação* científica. Com a tal validação, e se aproveitando das transformações oriundas do processo de renovação da geografia cultural, crescem as possibilidades de inovação teórica e metodológica. O sentido que o homem dá a religião é então considerado.

Santos (2006), Rosendahl (2006) e Kong (2010) visualizam que o século XXI desponta com muitos desafios à geografia da religião. Argumentam que os problemas da humanidade – relacionados à urbanização, saúde, desigualdade social, degradação ambiental, movimentos populacionais, dentre outros – aparecem cada vez mais inter-relacionados com a religião. Dessa maneira, ao acreditarem que o estudo da religião deve ser aproximado do curso de outros fenômenos do *viver humano*, sugerem que é preciso indagar sobre os sentidos da ação religiosa no espaço e para a sociedade.

Considerações finais

Disseminando simbolismos e formas pela realidade de lugares, paisagens, territórios e regiões, a religião pode ser compreendida como um fenômeno cultural de fortes implicações geográficas. O geógrafo da religião, certamente, a encara sob a dimensão espacial e busca interpretar o papel do sagrado na produção e recriação do espaço e da vida (ROSENDAHL, 2006). Nestes termos, ao sagrado é atribuída uma qualificação ímpar, devendo ser considerado como uma força que, no tempo e no espaço, em correlação com as determinações provenientes da religião e com a riqueza das práticas religiosas, interfere decisivamente na dinâmica de vida das pessoas.

Entende-se, por fim, que os estudos geográficos da religião em muito podem contribuir para fornecer inteligibilidade ao mundo. Nesses estudos, ao longo da história, e considerando as variações de abordagens, uma questão sempre se fez presente: como o geógrafo que se debruça sobre o estudo da religião deve proceder? (PARK, 2004). Em meio à pluralidade temática teórico-metodológica, comungando com o que se constata por meio de uma leitura acurada do estado da arte da geografia da religião, parece não ser interessante definir procedimentos padronizados de estudo, e isso se dá pelo não simples fato de que em geografia, espaço e religião formam um conjunto cultural significativamente surpreendente.

Referências

BÜTTNER, M. et. all. Zur Geschichte und Systematik der Religionsgeographie. In: **Geographia Religionum. Interdisziplinäre Schriftenreihe zur Religionsgeographie**. Band 1. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, p. 15-122, 1985.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

_____. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(is) na Geografia Humana? In: **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. SERPA, Angelo (Org.). Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Terra dos homens**: a geografia. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Epistemologia da geografia**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANÇA, Maria Cecília. **Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa**. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, Departamento de Geografia, 1972.

FRANGELLI, Patrícia. A geografia da religião no Brasil: intelectuais pioneiros, propostas e metodologias de estudo. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 31, p.40-65, Jan./Jun.; 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Igreja Católica Romana: fronteiras do discurso e territorialidade do sagrado**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em História. Curitiba: UFPR, 2002.

KONG, Lily. Geography and Religion: Trends and Prospects. **Progress in Human Geography**, 14, n° 3: 355-371, 1990.

_____. Global shifts, theoretical shifts: changing geographies of religion. **Progress in Human Geography**, 34, n° 6: 755-776, 2010.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Basílica de Aparecida**. São Paulo: Ed. Olho d'água., 2001.

PARK, Chris. Religion and geography. In: Hinnells, J. (ed). **Routledge Companion to the Study of Religion**. London: Routledge, 2004. p. 1-29.

RINSCHÉDE, G. Das Pilgerzentrum Lourdes. **Geographia Religionum**, Band I, 1985.

ROSENDAHL, Zeny. **Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense**. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia, USP., São Paulo, 1994.

_____. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

_____. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

_____. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) **Geografia cultural: uma antologia II**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. **Espiritualidade, Turismo e Território: Estudo Geográfico de Fátima**. Estoril: Principia, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Estudo geográfico-cultural da religião: a ressignificação do espaço por meio do santuário. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 28, p. 54-70, Jul./Dez.; 2010.

STUMP, Roger W. **The geography of religion: faith, place, and space**. Lanham, Rowman&LittlefieldPublishers, 2008.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora UNB, 2004.

Artigo recebido em 10-01-2019
Artigo aceito para publicação em 10-03-2020